

A CARICATURA E A REVOLUÇÃO REPUBLICANA PORTUGUESA DE 1910

RETO MONICO*

RESUMO

Neste artigo pretende-se pôr em relevo a importância numérica e qualitativa das caricaturas publicadas sobre Portugal na Europa e nas Américas no último trimestre de 1910, depois da queda da Casa Bragança e a proclamação da república, num continente então largamente dominado pelos regimes monárquicos. Os principais temas são: D. Manuel e o antigo regime, a influência da religião e da maçonaria, a atitude dos outros estados europeus, o papel do povo e o futuro da nova república.

PALAVRAS-CHAVES: Imprensa, caricaturas, revolução republicana portuguesa (1910), Manuel II, Teófilo Braga, Pio X, Afonso XIII, maçonaria, jesuítas, anticlericalismo.

ABSTRACT

This study highlights the numerical and qualitative importance of caricatures published about Portugal in Europe and the Americas in the last quarter of 1910, after the fall of the House of Braganza and the proclamation of the republic, in a continent so largely dominated by monarchical regimes. The main topics are: D. Manuel and the old regime, the influence of religion and freemasonry, the attitude of other European states, the role of people and the future of the new republic.

KEYWORDS: Press, caricatures, Portuguese republic revolution (1910), Manuel II, Teófilo Braga, Pio X, Afonso XIII, Freemasonry, Jesuits, anticlericalism.

A plurissecular dinastia dos Bragança teve que enfrentar várias crises na virada do século, nomeadamente a partir da crise com a Inglaterra de 1890. Mas, com o assassinio do rei D. Carlos (1863-1908) e do príncipe herdeiro Luís Filipe (1887-1908), a 1^o de fevereiro de 1908, ficou praticamente decapitada. Nessas circunstâncias dramáticas, D. Manuel (1889-1932), o segundo filho, que fora ligeiramente ferido no atentado da Praça do Comércio em Lisboa, chega ao trono ainda adolescente e totalmente despreparado. Durante o seu curto reinado de 32 meses sucederam-se seis governos.

* Doutor pela Universidade de Genebra.

O Partido Republicano Português (PRP) começa a ter mais força a partir de 1907, embora dividido entre a corrente «legalista» e a «revolucionária». No congresso de Setúbal (abril de 1909) nomeia-se uma comissão para organizar e dirigir a revolta, mas é no ano seguinte que os preparativos se aceleram com uma reunião secreta dos maçons e dos carbonários em junho que elege uma comissão de resistência, criando dessa maneira o diretório do PRP. Depois de algumas tentativas falhadas durante o verão, o plano é elaborado por dois oficiais da armada em setembro de 1910.

Reunidos a 2 de outubro de 1910, os conspiradores republicanos decidem desencadear o movimento no dia seguinte. Apesar do assassinio de Miguel Bombarda (1851-1910), um dos chefes da conspiração, dois regimentos e dois navios se revoltam ao mesmo tempo. D. Manuel está no jantar em honra ao presidente do Brasil Hermes da Fonseca (1855-1923) e os rebeldes tomam o quartel da Marinha. No entanto, muitos regimentos ficam de fora do movimento e o ataque ao Palácio das Necessidades – onde se encontra o rei – fracassa completamente. As forças militares parecem estar quase todas do lado da monarquia.

Na madrugada do dia seguinte, 4 de outubro, cerca de 500 rebeldes, militares e civis mal armados, chegam à Rotunda, em cima da Avenida da Liberdade. Bombardeados por tropas fiéis ao regime, conseguem resistir apesar da deserção de mais de duas centenas de homens. Durante o mesmo dia, dois navios bombardeiam o Palácio das Necessidades, provocando a fuga de D. Manuel para Maфра. Desembarcam também cerca de 1500 homens na Praça do Comércio, semeando o pânico nas fileiras monárquicas. Ao fim do dia, o terceiro navio passa também para o lado republicano.

Ao raiar do dia 5 de outubro, é evidente que as tropas que ainda estão do lado do jovem rei não têm nenhuma hipótese de vencer e quase ninguém quer combater e morrer para defender o regime. Por volta das 8 da manhã, o encarregado de negócios alemão pede um cessar-fogo para poder evacuar os seus compatriotas das zonas perigosas. À vista da bandeira branca, toda a gente pensa que a monarquia já capitulou e o povo começa a confraternizar com os soldados. Machado Santos (1875-1921), o chefe das tropas que estão na Rotunda, decide então descer a avenida em direção ao Rossio. No quartel-general monárquico, o General Gorjão (1846-1918) lhe diz: «Eu não me entrego porque não tenho nada que entregar». Uma hora mais tarde, José Relvas (1859-1929) e Eusébio Leão (1864-1926), membros do diretório do PRP, proclamam a República na varanda da Câmara Municipal de Lisboa.

No mesmo dia um governo provisório de oito pessoas, todos

dirigentes do PRP, chefiados por Teófilo Braga (1843-1924), toma o poder até a formação do primeiro governo constitucional a 3 de setembro de 1911. O rei deixa o país na tarde do dia 5 de outubro, rumo a Gibraltar, antes do exílio definitivo na Inglaterra.

Em outubro de 1910, a revolução republicana em Lisboa é sem dúvida o acontecimento que suscita os mais significativos números de reações na imprensa internacional. No dia 5 para alguns e a partir do dia seguinte para praticamente todos os jornais, Portugal torna-se o centro de todas as atenções durante mais de uma semana. Encontram-se relatos, comentários, análises das várias redações, correspondências de enviados especiais, relatos de testemunhas, desenhos, fotografias, diagramas da cidade, etc.¹

Queria abordar aqui um outro aspecto, o das caricaturas publicadas então sobre a mudança de regime em Portugal. Em todo o século XX, a queda da casa Bragança é sem dúvida o acontecimento da política portuguesa que mais interessou os caricaturistas políticos europeus e americanos, ainda mais que o Regicídio de 1908 e que o 25 de abril de 1974. Na impossibilidade de resumir as numerosas caricaturas (cerca de 200), limitar-me-ei a uma apresentação temática, ilustrando-a com alguns exemplos.

A) D. MANUEL

Várias são as caricaturas que o retratam como um rei fraco, incompetente, sem experiência, sem coragem, que foge do Palácio das Necessidades e de Portugal, levando muitas bagagens e deixando o país cheio de dívidas. Outros caricaturistas o representam nos braços da amante, a bailarina Daisy, ou também sob a influência da mãe, a rainha Amélia (1865-1951), e das congregações religiosas,

Na primeira imagem da revista *L'Assiette au Beurre* que publica um número especial sobre o 5 de Outubro, da autoria do artista português Leal da Câmara (1876-1948), então exilado na capital francesa, o tema principal é o isolamento do jovem rei que não pode contar com ninguém para se defender. De facto, poucos soldados e oficiais combatem do lado da monarquia. A maioria fica neutra, esperando para ver quem será o vencedor.

Na segunda, a revista satírica de Turim ironiza sobre o fato de que D. Manuel fica aliviado depois que a águia republicana lhe tira a coroa, podendo gozar assim de muito mais liberdade, sem o peso da responsabilidade.

¹ Cf. Monico e Vieira, 2010.



Le Roi. — Je savais bien que j'avais beaucoup d'ennemis; mais ce que j'ignorais, c'est que je n'avais même pas un seul ami capable de me défendre !...

- D. Manuel isolado no seu trono: «*Eu sabia que tinha muitos inimigos, mas o que ignorava é que não tinha um só amigo capaz de me defender*»
- *Assiette au Beurre*, Paris, 22 out. 1910.

Disegno di GOLI

NAPOLEONE ALLA ROVESCIA

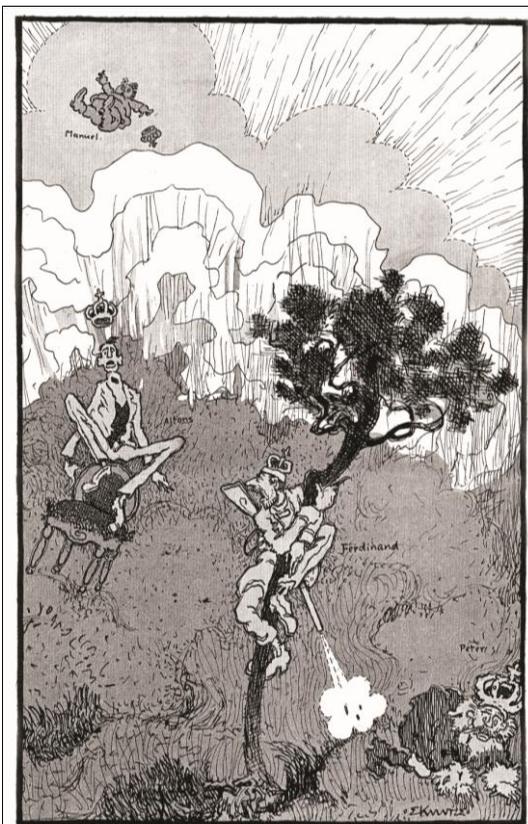


— Dio me l'ha tolta? Guai a chi me la ridarà!

D. Manuel: «Deus tirou-me? Ai de quem me devolva!»
-«Napoleão ao contrário», *Il Pasquino*, Turim, 16 out. 1910 (p. 107, esq.)

B) O MEDO DOS OUTROS MONARCAS

Em 1910, havia na Europa, além de San Marino, só duas repúblicas, a Suíça e a França. O velho continente era então dominado pelo regimes monárquicos. A mudança de regime em Lisboa provoca sem dúvidas alguns receios, sobretudo na Espanha. Os caricaturistas, sobretudo os alemães, os espanhóis e os austríacos, deliciam-se com este tema. Prenunciam, de certo modo, a mudança que terá lugar depois da Primeira Guerra Mundial com o desaparecimento dos quatro impérios, o alemão, o austro-húngaro, o russo e o otomano. Afonso XIII (1886-1941), o avô do atual rei de Espanha, é no entanto o soberano que parece o mais preocupado e com certa razão, embora venha a deixar o país só duas décadas depois, em maio de 1931.



Das Erdbeben in Lissabon

ist auch diesmal in ganz Europa verspürt worden; am stärksten natürlich
in Madrid.

Este semanário berlinense representa o grande susto que foi para o rei da Sérvia, Pedro I (1844-1921), para o da Bulgária, Fernando (1861-1948), e ainda mais para Afonso XIII a queda da casa Bragança.

«Desta vez o terremoto de Lisboa também se sentiu por toda Europa e naturalmente com mais força em Madri».

- «O terremoto de Lisboa», *Lustige Blätter*, Berlim, 19 out. 1910.

Am spanischen Hof.



Alfons: Wozu eine Republik — gibt es z. B. in Spanien nicht die vollste
Freiheit — tu' ich nicht was ich will?

D. Afonso XIII: « *Por que uma república — não existe por exemplo na Espanha a liberdade total? Não faço o que eu quero?* »

- «Na corte espanhola», *Wiener Caricaturen*, Viena, 13 nov. 1910.

C) OS JESUÍTAS

Para a esmagadora maioria da imprensa republicana e de esquerda, os jesuítas são, com os partidos monárquicos, os grandes responsáveis pela situação em que se encontrava Portugal. Nos jornais franceses, italianos e sobretudo espanhóis encontram-se muitas caricaturas que os representam como corvos em fuga, como aves de mau-agouro, como conselheiros que manipulam a família real, como ratazanas que abandonam forçados o navio. É preciso lembrar que o decreto de expulsão das congregações religiosas é promulgado a 8 de outubro pelo governo provisório. Isso provoca uma grande indignação na imprensa católica que começa então a atacar sistematicamente o novo regime, ataques que vão durar até 1914.

A revista carioca *Pátria portuguesa*, publica dois números a 26 de outubro e a 15 de novembro (neste segundo número adota o nome *A Pátria*) em que representa os jesuítas portugueses com uma violência raramente vista mesmo nas mais radicais publicações anticlericais europeias. Como na Espanha, Itália e França, também no Brasil uma parte da opinião teme uma «invasão» dos religiosos expulsos,

Nas duas imagens alude-se a dois temas muito tratados pela imprensa anticlerical, além da expulsão do clero regular: por um lado, os jesuítas são acusados pelos republicanos portugueses de terem lançado bombas contra as tropas republicanas que queriam entrar nos conventos; por outro lado, as alegações sobre a gravidez das freiras. Uma grande parte da imprensa radical europeia reproduz estas notícias sem nenhum espírito crítico.



Duas “Portugalices” da Campanha de Gracia de Barcelona de 15 de Outubro (à esq.): um diálogo entre jesuítas a saírem de Portugal (“Onde é que nos iremos refugiar?” “Isso nem se pergunta, homem – na Espanha!”) e uma alusão à suspeita de realização de atentados pelos jesuítas em Barcelona (“Que sorte têm os portugueses!... Eles já ao menos sabem de onde surgem as bombas”).

LA COMPANIA DE JESUS



EL PADRE.—Yo, aquí, una bomba; ¿y vuestra maternidad?
LA MADRE.—Ya lo ve usted, un bombo.

O Padre: «*Eu tenho uma bomba: E vossa maternidade?*»

A Madre: «*Como pode ver é um bombo [barriga grande]*»

Rapare-se três trocadilhos: entre «padre» e «madre» (pai e mãe, mas também «padre» e «madre»); entre «bomba» e «bombo»; entre «maternidade» e «Vuestra Maternidade», com letras maiúsculas, que alude à maternidade da Virgem Maria.

- «A companhia de Jesus», *España Nueva*, Madrid, 16 out. 1910.

D) O PAPA

São sobretudo as revistas satíricas anticlericais italianas que retratam o Papa Pio X (1835-1914). As duas caricaturas representam o chefe de Igreja logicamente aflito com a mudança de regime em Lisboa e abandonado mesmo por Deus. Encontrei também dois exemplos onde Pio X é visto como um oportunista, um «vira-casaca» que, para sobreviver, aceita qualquer regime, mesmo o republicano.



- «A aflição do Papa», *El Liberal*, Madrid, 9 de outubro



Bepi: Ma come? Te gavevo dito de portarme de le saette con tanto de punta, per fulminar la Franca, i modernisti, Nathan e il Portogalo...

Bepi [Giuseppe (José), o nome do papa.] : “*Mas como? Tinha-te dito para trazeres setas com a ponta afiada, para fulminar a França, os modernistas, Nathan [Presidente da Câmara municipal de Roma] e Portugal...*”;

[O anjo] “*Que quer, Santidade? Até o Padre Eterno apoia os rebeldes!...*”);

- «Durante a Revolução portuguesa». *L'Asino*, Roma, 16 out. 1910.

E) TEOFILO BRAGA

Não é o homem forte do governo provisório, mas é ele de longe o que chama a atenção dos caricaturistas europeus porque é o presidente e também porque é conhecido como homem de letras e por ter introduzido o positivismo em Portugal. A imprensa estrangeira o representa muito mais dinâmico e decidido do que talvez tenha sido.

Na primeira imagem, tirada de uma revista católica, o presidente-filósofo apunhala o rei; na seguinte, a revista satírica berlinense ironiza sobre a fidelidade das novas tropas – que já traíram o rei – ao novo regime.

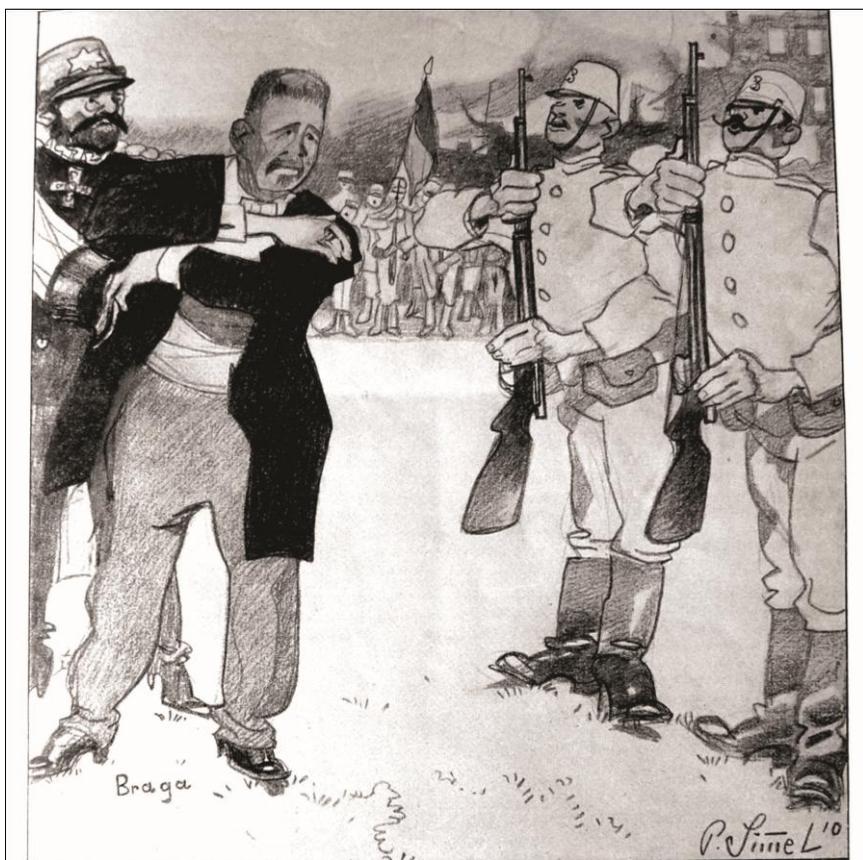
La tragedia Portoghese

(Lealtà repubblicana)



BRAGA: *Maestà, state pur tranquillo che vi saprò proteggere io!*

Braga: «*Majestade, fique calmo que eu cá estarei para o proteger*»
«*A tragédia portuguesa*», *Il Bastone*, Roma, 16 out. 1910, p. 152, A.



Bei der Vereidigung

Der portugiesischen Truppen auf die neue republikanische Verfassung ereignete sich folgende Szene: Der Präsident hielt während des feierlichen Aktes eine Ansprache, in der er betonte: ich bitte mir aber aus, daß Ihr diesen Eid besser haltet, als diejenigen, den Ihr dem Könige Manuel geschworen habt!

Da trat ein junger Leutnant vor die Front und erklärte: Excellenza können sich fest auf uns verlassen: bei uns portugiesischen Offizieren ist vereidet und verschworen ganz dasselbe!

«No juramento das tropas portuguesas à nova Constituição republicana, o presidente [Braga] pronunciou um discurso em que sublinhou: *“Peço-vos que sejam mais fiéis a este juramento do que àquele que fizeram ao rei Manuel”*. Depois um jovem tenente chegou-se à frente e disse: *“Excelência, podem ter absoluta confiança. Para nós, oficiais portugueses, ajuramentar e conspirar é a mesma coisa!”*»

- «Durante o juramento». *Lustige Blätter*, Berlim, 9 nov. 1910.

F) A MAÇONARIA

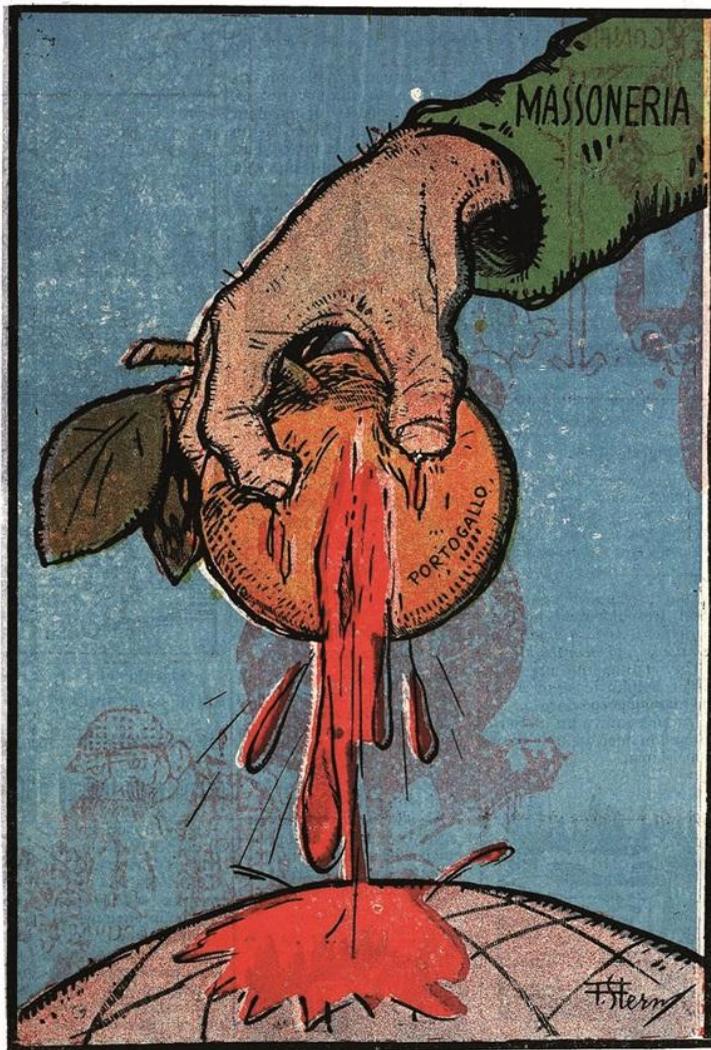
A imprensa conservadora, sobretudo a católica, acusa desde o início a maçonaria de estar por trás da revolução e de querer destruir o religião católica em Portugal. As duas imagens, ambas do semanário católico de Bolonha, atacam violentemente as lojas secretas. Para perceber a presença do agrume, é preciso recordar que em vários dialetos transalpinos, assim como em alguns outros idiomas (albanês, grego, romeno, ou turco) o termo utilizado para “laranja” assemelha-se muito à palavra “Portugal” (“partugal”, “portualli”, “portügai”, etc.). Em Roma é a mesma «portogallo».



A maçonaria (para D. Manuel): «Agora que já te levei a fabricar a força com as tuas próprias mãos, podes ir-te enforcar para outro lado».

- «A Revolução em Portugal», *Il Mulo*, Bolonha, 16 out. 1910.

La Massoneria e il Portogallo



Invece del succo n' esce il sangue

«Em vez de sumo sai sangue»

- «A Maçonaria e Portugal», *Il Mulo*, Bolonha, 23 out. 1910.

A República e as grandes potências

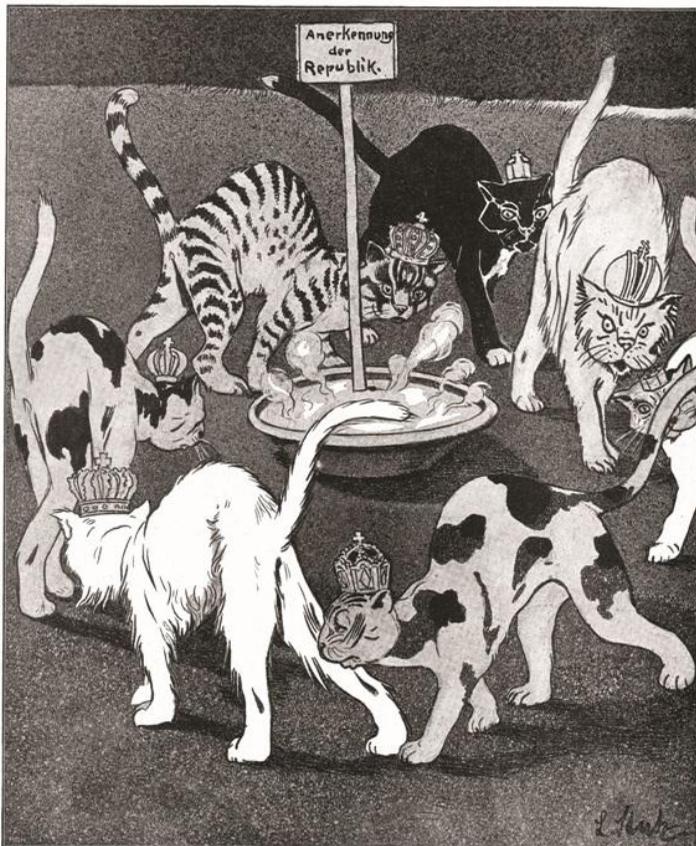
Os primeiros países a reconhecer a República portuguesa são o Brasil e a Argentina, a 22 de outubro. O único país europeu que o faz ainda em 1910 é a Suíça, a 27 de dezembro. As grandes potências vão esperar até 1911, os Estados Unidos em junho, a França em agosto e os outros (Rússia, Alemanha, Itália, Áustria) em setembro. Algumas caricaturas espanholas e uma alemã se debruçam sobre este tema



«Ora vamos ver, não há quem me reconheça?»

- «Consultório internacional», *Heraldo de Madrid*, 15 out. 1910.

Aus Portugal



Ei, ei, ei, ei, ei!
Da haben wir den Brei.
Wer aber, ach, wer weiß,
Ob er uns nicht zu heiß.

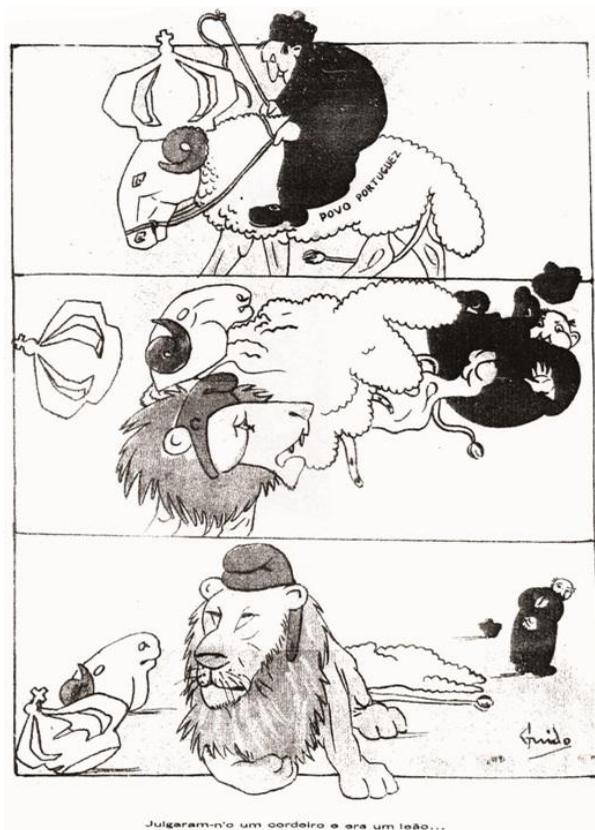
Os gatos reais em volta do prato quente do “reconhecimento da República Portuguesa” sem ousarem aproximar-se:

«Ei, ei, ei, ei, ei, ei! Aqui temos as papas/ Sabe-se lá /se elas não estarão demasiado quentes»

- «De Portugal», *Kladderadatsch*, Berlim, 6 nov. 1910.

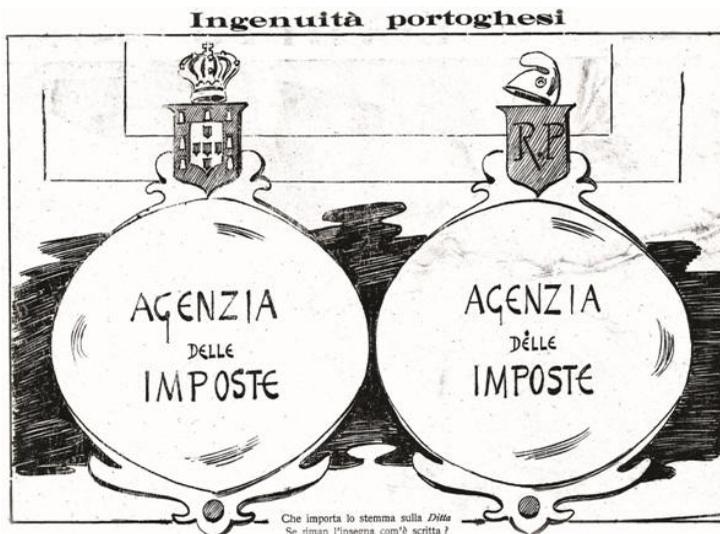
G) O POVO PORTUGUES

O povo participou da revolução? É uma das questões que se colocam aos jornalistas que escrevem sobre os acontecimentos em Lisboa de outubro de 1910. Os caricaturistas dividem-se entre uma representação quase mítica do povo que teve um papel fundamental, pensam eles, na queda da monarquia, e entre os que acham que com o novo regime nada mudou: o povo vai continuar a pagar e a ser explorado. Esta última opinião é também partilhada pelos jornais anárquicos.



«Julgaram-no um cordeiro e era um leão.»

- *Pátria Portuguesa*, Rio de Janeiro, 26 nov. 1910.



«Que interessa o brasão de armas, se as palavras da insígnia não mudam?»

- «Ingenuidades Portuguesas», *Il Fischietto*, Turim, 15 out. 1910.

BREVE NOTA FINAL

Esta apresentação das caricaturas publicadas no outono de 1910 sobre Portugal é, por óbvias razões, muito limitada. Revela no entanto um verdadeiro interesse e conhecimento da realidade lusitana. Como para os jornais diários e os comentários jornalísticos, temos todo um leque de opiniões que tratam de quase todos os temas. Servem também para fins de política interna, para entrar em polémica com adversários políticos. Utiliza-se a revolução portuguesa para criticar duramente o governo e para pôr em relevo as próprias opiniões.

De todas as maneiras, estas numerosas caricaturas provam que a revolução republicana portuguesa é um tema que, na altura, não é unicamente conhecido por uma elite, mas que suscita debate na opinião pública.

BREVE NOTA BIBLIOGRÁFICA

MARQUES, A. H. de Oliveira. *Portugal da Monarquia para a República*. Lisboa: Presença, 1991.

MONICO, Reto ; VIEIRA, Joaquim. *República em Portugal: o 5 de Outubro na imprensa internacional*. Lisboa: Pedra da Lua, 2010.

_____. *Portugal Século XX: crónica em imagens*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999. v. 1-2.

_____. *Mataram o Rei!: o Regicídio na imprensa internacional*. Lisboa: Pedra da Lua, 2007.

RAMOS, Rui. *A segunda fundação (1890-1926)*. Lisboa: Círculo de Leitores/Estampa, 1994. v. 6 da *História de Portugal*, dir. José Mattoso.

PULIDO, Valente Vasco. *O poder e o povo*. 3. ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999.